

11

Arquiteturas Pedagógicas e Redes Sociais: Uma experiência no Facebook

Karina Marcon¹

Juliana Brandão Machado²

Marie Jane Soares Carvalho³

Resumo

As redes sociais permitem construir um intenso processo de comunicação e aprendizagem mediados pelas tecnologias. No cenário de expansão das redes sociais, destacamos os elementos que interessam para a perspectiva pedagógica. São eles: a necessidade de apropriação e de utilização das tecnologias disponíveis, o reconhecimento do seu potencial educativo, o repensar da práxis pedagógica, o papel do aluno e do docente nesses ambientes. Discutimos a utilização do Facebook como parte de uma Arquitetura Pedagógica, a partir de uma experiência consolidada em 2011. Da análise dessa experiência sobressai que o Facebook pode ser considerado uma Arquitetura Pedagógica desde que a mediação pedagógica seja intensa, guiada principalmente, mas não exclusivamente, pelo docente com objetivos definidos para ou com o grupo.

Abstract

The social networks allow to build an intense process of communication and learning mediated by technology. In the scenario of expansion of social networks highlight the elements relevant to the pedagogical perspective. They are: the need for ownership and use of available technologies, recognition of their educational potential, rethinking pedagogical practice, the role of the student and the teacher in these environments. We discuss the use of Facebook as part of an Educational Architecture from a consolidated experience in 2011. From the analysis of this experience stands out that Facebook can be considered an Architecture Pedagogical since the mediation is intense, driven mainly, but not exclusively, by the teacher with defined objectives for or with the group.

¹Doutoranda em Educação (Bolsista CNPq) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS – Brasil.

² Doutoranda em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

³ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1 Introdução

Pensar a sociedade contemporânea implica pensar, obrigatoriamente, a intensa relação entre sujeitos e tecnologia. Com o potencial da Web 2.0, presenciamos uma sociedade em rede, capaz de conectar pessoas de diferentes lugares do mundo. Destacamos nesse cenário principalmente o potencial das redes sociais, que cada vez mais são incorporadas ao cotidiano dos sujeitos.

A partir dos estudos do sociólogo Castells (2004), podemos entender que redes sociais são “[...] redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante” (2002, p. 94). De acordo com Capra (2002, p. 93) o padrão em rede é um dos padrões de organização mais básicos de todos os sistemas vivos. Em todos os níveis de vida – desde as redes metabólicas das células até as teias alimentares dos ecossistemas – os componentes e os processos dos sistemas vivos se interligam em forma de rede.

Capra explicita essa forma de organização mencionando que “[...] para interpretar alguma coisa, nós a situamos dentro de um determinado contexto de conceitos, valores, crenças ou circunstâncias”. Além disso, “para compreender o significado de alguma coisa, temos de relacioná-la com outras coisas no ambiente, no seu passado ou no seu futuro. Nada tem sentido em si mesmo” (2002, p. 96). Cada sujeito percorre sua rede interna de conexões, que associa suas memórias, lembranças, historicidade, vivências e experiências anteriores, sendo consideradas a conexão.

Musso (1994) reitera o pensamento de Capra, destacando que “a noção de rede é onipresente e onipotente em todas as disciplinas” (apud Santaella; Lemos, 2010, p. 7). Sociólogos passaram a pensar a sociedade sob esse viés, principalmente a partir do surgimento das tecnologias e das redes sociais digitais, que ganharam evidência com a Web 2.0, fenômeno que caracteriza até então a maior revolução na internet, uma vez que possibilita a comunicação e o estabelecimento de conexões entre os sujeitos.

Essa dinâmica comunicacional, que surge com a Web 2.0, potencializa uma espécie de conectividade generalizada (Lemos, 2003), que se retroalimenta por meio dos pontos convergentes da rede, chamados nós. Cada nó interfere no circuito da rede, podendo modificar todo o percurso do fluxo de informação, além de ser modificado por ele. Essa situação promove a interatividade entre os sujeitos, caracterizada por Silva como a “[...] possibilidade de ‘modificar o conteúdo’, como experiência inovadora de conhecer possibilitada pelo universo infotecnológico, enfim como possibilidade libertadora da autoria do usuário sobre sua ação de conhecer” (2000, p. 36).

Ainda é preciso que a interatividade seja entendida como a “[...] lógica da comunicação que rompe com a prevalência da transmissão, da distribuição” (Silva, 2003). Ao romper com o domínio da transmissão, a interatividade

contribui e autoriza o sujeito a participar dos processos comunicacionais em uma condição de protagonista, uma vez que ele vivencia situações nas quais se apropria da mensagem, e, mais do que isso, tem a possibilidade de modificá-la, sendo um autor ou coautor nessa dinâmica.

Nesse sentido, nosso objetivo com esse estudo é a investigação do potencial da rede social Facebook, como parte de uma arquitetura pedagógica, pois, de acordo com Castells, “as redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede” (2005, p. 18). Ao conectar e fazer interagir pessoas, tecnologias, culturas, nos deparamos com a inteligência coletiva dos grupos (Levy, 1999), compartilhada e potencializada em tempo real pelos atores da rede. Nessa dinâmica, torna-se imperativo pensar em processos educativos que analisem, avaliem, considerem e participem dessa nova lógica comunicacional e interativa, que surge com as tecnologias e com a Web 2.0, estimulando e compreendendo as características inerentes das redes: a participação, a interatividade, a comunicação, a autonomia, a cooperação, o compartilhamento, a multidirecionalidade.

2 Facebook e possibilidades educativas

Nos últimos anos o acesso às redes sociais tem apresentado um intenso crescimento, aumentando significativamente o número de participantes. A aderência a esses espaços elege muitos aspectos para reflexão e discussão, como a necessidade de manter-se conectado a todo instante, a facilidade de estabelecer novas relações, a comunicação em tempo real e a sociabilidade, por um lado, e o individualismo, a privacidade e a espetacularização, além da fragilização das relações sociais, por outro.

De acordo com o Site Olhar Digital (2012), em relação ao Facebook houve um “crescimento da rede social no país, e o resultado não poderia ser outro: desbancou sites da Microsoft e do Google, inclusive o próprio Orkut, que um dia foi o site de relacionamentos mais acessado pelos brasileiros”. Já Sbarai (2011) menciona que uma pesquisa da empresa de métricas Comscore “apontou um crescimento de 51% no volume de tráfego nas redes sociais em um ano. Entre todos os serviços, o Facebook foi o que obteve a maior evolução: 479%”.

Atualmente, em escala mundial, o Facebook é considerado a maior rede social. Na maioria das vezes, ao conectarem-se à internet, as pessoas automaticamente logam-se nessa rede, interagindo de formas diversas, por ferramentas síncronas ou assíncronas, utilizadas de acordo com suas necessidades.

Por estarem conectadas, todas as informações que os usuários visualizam (notícias, novidades, vídeos, leituras, links, entrevistas, entre outros) podem ser rapidamente compartilhadas, o que vem a caracterizar a participação do sujeito na rede, criando sua identidade no ciberespaço. De acordo com Recuero a criação dessa identidade cibernética deve-se à “apropriação das ferramentas de comunicação mediada por computador [...], [que] funcionam como uma presença do ‘eu’ no ciberes-

paço [...]” (2009, p. 4). Por meio das postagens e interações, percebemos os interesses dos próprios integrantes, pois acabam compartilhando aquilo que a eles é importante e que possui significado. De acordo com Nelson Pretto (2010), “você é o que você compartilha”, e essa máxima reflete a dinâmica vivenciada com o uso do Facebook.

Podemos dizer que o Facebook é um ambiente não-estruturado, no qual as informações perdem-se facilmente. Possui uma linearidade cronológica, mas o volume de informações publicado impossibilita um acompanhamento sistematizado e aprofundado das contribuições. Além disso, a configuração do ambiente inviabiliza ao usuário que retome postagens antigas, tornando a reflexão e a proposição dialógica fluídas e instantâneas, própria das características das relações de tempo e espaço na sociedade em rede.

Com base nessas elucidações sobre o Facebook e frente a essa dimensão instituída pela internet, pela cibercultura e pelos processos de virtualização do conhecimento, acredita-se que a aprendizagem pode ser potencializada a partir do diálogo e do estabelecimento de relações com as novas tecnologias. Podemos considerar o Facebook, então, como um ambiente de aprendizagem, ou seja, “uma organização viva, em que seres humanos e objetos técnicos interagem em um processo complexo que se auto-organiza na dialógica de suas redes de conexões” (Santos, 2010, p. 39), características essenciais para a utilização desse espaço como uma Arquitetura Pedagógica.

3 Considerações sobre Arquiteturas Pedagógicas

É preciso reconhecer que o surgimento dessas tecnologias na dinâmica social (e escolar) faz surgir novas ideias sobre como conceber e viabilizar um novo modelo educacional que seja suportado pela tecnologia (Carvalho; Nevado; Menezes, 2005, p. 351), necessidade que se torna latente, uma vez que não podemos engessar sua utilização em metodologias de ensino tradicionais, que não envolvem e até mesmo desconsideram a cooperação e o compartilhamento, características intrínsecas de uma sociedade em rede.

Nesse contexto, parece que uma alternativa para a inclusão e integração das tecnologias na dinâmica escolar pode ser viabilizada por meio do conceito e das características das Arquiteturas Pedagógicas, compreendidas como “estruturas de aprendizagem realizadas a partir da confluência de diferentes componentes: abordagem pedagógica, software educacional, internet, inteligência artificial, educação a distância, concepção de tempo e espaço” (Carvalho; Nevado; Menezes, 2007, p. 39).

De acordo com os autores,

O caráter dessas arquiteturas pedagógicas é pensar a aprendizagem como um trabalho artesanal, construído na vivência de experiências e na demanda de ação, interação e meta-reflexão do sujeito sobre

os fatos, os objetos e o meio ambiente socioecológico (Kerckhove, 2003). Seus pressupostos curriculares compreendem pedagogias abertas, capazes de acolher didáticas flexíveis, maleáveis, adaptáveis a diferentes enfoques temáticos (Carvalho; Nevado; Menezes, 2007, p. 39).

A concepção de Arquiteturas Pedagógicas está enraizada em três componentes fundamentais: concepção pedagógica forte, sistematização metodológica e suporte telemático. A concepção pedagógica forte, segundo os autores mencionados, parte da “Pedagogia da Incerteza”, que sintetiza as ideias de Paulo Freire e Jean Piaget. Seus pressupostos são: a) Educar para a busca de soluções de problemas reais; b) Educar para transformar informações em conhecimentos; c) Educar para autoria, a expressão e a interlocução; d) Educar para investigação; e e) Educar para autonomia e a cooperação. O fundamento da Sistematização Metodológica parte da interlocução de elementos que proporcionem aos estudantes atividades intelectuais interessantes, as quais se desenvolvem pela interação. Por fim, temos o fundamento do Suporte Telemático, que auxilia no processo. A telemática como relação entre telecomunicação e informática é representada, em especial, pelas possibilidades de uso do computador/internet (Carvalho; Nevado; Menezes, 2007).

Destaca-se que as Arquiteturas Pedagógicas potencializam uma dinâmica educacional que considera as demandas da sociedade contemporânea, integrando educação e tecnologias. Podemos entender que os ambientes que possibilitam a interação entre sujeitos e tecnologias, somados a mediação pedagógica e a promoção da meta-reflexão sobre a práxis educativa, podem tornar-se arquiteturas pedagógicas.

Qualquer ambiente que se ampara nas ferramentas da Web 2.0 tem a sua disposição espaços adaptáveis ao usuário, tornando-se mais atraentes e oferecendo mais opções que os convencionais (Kirkwood, 2006), uma vez que incentivam a troca e a comunicação entre as pessoas, além da construção de grupos e comunidades, fundamentos basilares nas relações humanas.

Ferramentas como wikis, blogs e fóruns de discussão, bem como a utilização de técnicas de pesquisa, permitem uma interatividade que supera as práticas convencionais, o que vem agregar na construção de ambientes integradores, coletivos e colaborativos (Kirkwood, 2006), que podem ser utilizados como Arquiteturas Pedagógicas nos processos educativos.

4 Sobre o estudo

Este texto surge a partir da experiência vivenciada no Seminário Avançado: Arquiteturas pedagógicas e Inclusão Digital, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o ano de 2011.

Essa foi uma disciplina realizada em duas etapas:

no primeiro semestre a proposta contemplou encontros semanais e utilização de um grupo no Facebook, para discussão sobre as leituras e demais provocações referentes aos conteúdos trabalhados. A ideia era vivenciar as redes sociais como potencializadoras de processos de aprendizagem e da construção do conhecimento, além de averiguar se poderiam ser consideradas Arquiteturas Pedagógicas. No segundo semestre, a disciplina ocorreu totalmente a distância, sendo que utilizamos o mesmo grupo do Facebook como ambiente integrador, além do PBworks para a realização de trabalhos mais sistematizados. Destacamos, da lista de ferramentas utilizadas no Facebook, o Mural e os comentários, que permitiram o rápido compartilhamento de materiais que direcionaram as discussões entre o grupo.

Consideramos o grupo da disciplina criado no Facebook como nossa fonte de dados. As percepções descritas aqui são fruto da participação e observação dos movimentos realizados lá. Em sua concepção metodológica, acreditamos que a abordagem Análise de Redes Sociais proposta por Fragoso, Recuero e Amaral pode potencializar a análise, uma vez que “tem um cunho estruturalista e parte do princípio de que, ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais, é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito” (2011, p. 115). Não temos em vista, nem há espaço neste artigo para isso, o aprofundamento das possibilidades de análises estruturalistas, trabalho que será realizado em outra oportunidade.

A análise é fruto das interações e imersão no Facebook a partir do grupo criado. Consideramos as interações dos colegas e professores e as conclusões resultam das observações realizadas no ambiente. Estas envolveram principalmente a participação dos colegas, a leitura e compilação dos movimentos de interação estabelecidos no ambiente, de forma a explorar suas possibilidades e limitações, bem como os movimentos de mediação docente. Abordaremos uma síntese conclusiva das experiências que vivenciamos nos dois semestres em curso, como forma de aprofundar a ideia de viabilizar o Facebook como parte de uma Arquitetura Pedagógica.

5 O Facebook como parte de uma Arquitetura Pedagógica: resultados da experiência

Com base no registro da experiência, destacamos o Facebook como parte de uma Arquitetura Pedagógica, uma vez que essa rede social dispõe de características que vão ao encontro do conceito revisitado. As correlações mais evidentes entre as características do Facebook e o conceito de Arquiteturas Pedagógicas são:

– O Facebook é uma rede social que conecta e integra pessoas de diferentes locais geográficos, resignificando os conceitos de tempo e espaço. A possibilidade de estabelecer um debate síncrono ou assíncrono de ideias, ou a simples troca ou compartilhamento de informações

rompe as fronteiras do tempo e espaço lineares. A relação é estabelecida pela convergência dos interesses, por vínculos construídos a partir de ideias ou opiniões.

– Por ser um espaço virtual com ferramentas que podem ser usadas de forma pedagógica, pode vir a ser considerado um ambiente de aprendizagem, colaborando em atividades de educação a distância. Apesar da sua não-estruturação, como afirmamos anteriormente, há diversas possibilidades a ser exploradas para o seu uso sistematizado e colaborativo.

– Pode ser intermediado pedagogicamente, uma vez que é um espaço que além de possibilitar a indexação de outros ambientes dispõe de ferramentas para interação síncrona e assíncrona. E esta é uma faceta que abre diferentes possibilidades de interação aos seus usuários.

Considerando o conceito de Arquiteturas Pedagógicas proposto, o Facebook responde pela parte do suporte, mas em si pouco contém de concepção pedagógica forte ou sistematização metodológica para o ensino e aprendizagem. Isso significa que seu uso para ser pedagógico exigirá uma proposta pensada neste termo. Sobretudo, o que se impõe é a mediação intencionada e esclarecida como função precípua de realização de aprendizagens entre os membros do grupo a ser realizada principalmente, mas não exclusivamente, pela figura docente. Outra condição que se impõe é um contrato pedagógico entre os membros, caso contrário, o espaço concedido às fragilidades no processo é dominante.

Se por um lado visualizamos essa possibilidade de integração e interação entre os sujeitos no Facebook, por outro, teóricos contemporâneos como Zygmunt Bauman (2011) creem em uma fragilidade nessas conexões, em função da existência de meios instantâneos de desconexão. Assim como existem facilidades para as pessoas se conectarem, a “possibilidade de irromper de modo indolor e igualmente instantâneo a situação de ‘estar conectado’ no momento em que nos parecer inconveniente” (Bauman, 2011, p. 46) também existe. A fragilidade reside no descompromisso que a rede suscita, por isso reiteramos a legitimidade do contrato pedagógico com os alunos e a intensa mediação, mas não exclusiva, pelo docente.

Podemos considerar essa afirmação do autor como um ponto fraco na utilização do Facebook como parte de uma arquitetura pedagógica, levando em consideração a experiência que tivemos no Seminário. De um lado, após o encerramento da disciplina pelo Programa, são poucos os integrantes que continuam contribuindo com as discussões propostas no grupo do Facebook. De outro, isso não é diferente do que se passa numa sala de aula presencial. Após desfazer-se o grupo acadêmico, provavelmente alguns laços entre colegas se manterão, mas a maior parte se dissolverá. Entretanto, como pressupomos uma pedagogia forte, não nos movemos somente no âmbito da ferramenta/ambiente que se encontra na Web, mas sim no âmbito pedagógico: do contrato pedagógico, das propostas que animam a todos, da metodologia de ensino e aprendizagem e não somente da configuração arquitetônica do Facebook e do que esta permite que

se realize independentemente de qualquer proposta.

Um fato que julgamos importante nessa experiência é o papel do mediador pedagógico, que precisa ser um sujeito ativo, direcionando as atividades no ambiente, visando à criação de redes de aprendizagens. De acordo com Santos, precisamos compreender que “não é o ambiente on-line que define educação on-line. O ambiente/interface condiciona, mas não determina. Tudo dependerá do movimento comunicacional e pedagógico dos sujeitos envolvidos para a garantia da interatividade e da cocriação” (Santos, 2010, p. 43). Por mais que todos os integrantes do grupo sejam pesquisadores sobre tecnologias e suas interfaces educacionais, a cultura educacional que até então vivenciamos tem base na lógica da transmissão, recepção e ordenamento. O rompimento dessa cultura é um processo lento, que requer estímulo, autonomia e prática, para que aí, então, o sujeito dê início a manifestações mais ativas em qualquer espaço virtual.

Na concepção das Arquiteturas Pedagógicas, há um destaque ao posicionamento do docente diante da situação de aprendizagem. Este precisa estar imbuído da ideia da “Pedagogia da Incerteza”, provocando e suscitando as reflexões e interações entre os estudantes:

O papel do professor é imprescindível no sentido de criação e proposição de arquiteturas, bem como de orientação aos estudantes que, por sua vez, atuam de forma ativa, construindo uma rede de aprendizagem. Cabe ao professor, pela via da problematização e do apoio às reconstruções, levar os estudantes a tomadas de consciência das suas próprias questões e provocar neles a necessidade de explorá-las e buscar respostas, dentro de um processo de evolução contínua dos conhecimentos (Nevado; Menezes; Vieira Júnior, 2011, p. 821).

Por mais interesse que o sujeito tenha em aprender autonomamente, espera-se do docente mediador a orientação e a estruturação do que fazer e de que forma podemos prosseguir. “É este o tipo de conhecimento (melhor dito, inspiração), ambicionado por homens e mulheres em tempos de modernidade líquida. Eles querem orientadores para lhes mostrar como caminhar, e não professores que lhes façam seguir a única estrada possível” (Bauman, 2011, p. 120).

Entendemos, portanto, que essa proposta vivenciada pela disciplina pode colaborar com a expansão do conceito de Arquiteturas Pedagógicas já proposto em trabalhos anteriores e por autores diversos, principalmente porque percebemos e destacamos que o mediador pedagógico possui um papel fundamental nesses ambientes. Sem uma intervenção direcionada, objetivos orientados e definidos, a própria rede acaba se dispersando, os integrantes diminuem suas manifestações e colaborações, enfraquecendo os laços construídos, além de pouco vivenciarem situações de aprendizagem concretas.

Julgamos, assim como Bruno (2010, p. 208-209), que a aprendizagem não é decorrente de “um processo

estanque, linear e único, marcado por apenas uma forma de aprender”. Entendemos que o “ser humano se faz e se refaz, na medida em que suas estruturas se modificam”. Acreditamos que “os indivíduos se adaptam, mas não se conformam; de que a flexibilidade na aprendizagem é imensurável e possui elementos desconhecidos até para o próprio sujeito aprendente”.

Após a experiência realizada no Seminário, percebemos que o Facebook pode vir a se tornar um ambiente favorável à aprendizagem. Quando pensamos em virtualização da aprendizagem, torna-se interessante a provocação feita por Ramal (2002), sobre a necessidade de um currículo que difere do modelo educativo tradicional. Para a autora, o currículo em rede deve ter as seguintes características:

a) Metamorfose: ele se transformará de acordo com as necessidades [...]

b) Mobilidade dos centros: [...] não há um único centro, nem conteúdos mais importantes, mas nós da rede curricular igualmente funcionais e multiconectados que sempre dão lugar a novas paisagens.

c) Interconexão: [...] qualquer parte da rede, mesmo separada, contém uma nova rede e se integra a um todo complexo. Aprender se parece com navegar.

d) Exterioridade: Todo o funcionamento do esquema curricular depende de um diálogo permanente com o exterior [...].

e) Hipertextualidade: é constituído por grande variedade de textos – verbais e não-verbais [...].

f) Polifonia: é o lugar do interculturalismo, do diálogo interdisciplinar, das diversas vozes, provenientes dos diversos lugares sociais. É, portanto, uma rede inclusiva, integradora e transformadora dos sujeitos e das relações que eles estabelecem entre si e com o mundo. Aprender é dialogar. (Ramal, 2002, p. 185-186).

Diante dessas características, percebemos que o Facebook pode representar a convergência delas, no sentido de concentrar as características apresentadas em sua organização, seguindo os princípios do currículo em rede. Visualizamos de maneira concreta a sua metamorfose, na busca de aprimoração; as possibilidades de interconexão, exterioridade e hipertextualidade apresentadas em sua configuração; percebemos a polifonia e a mobilidade nos centros, no sentido das expressões diversas e difusas que são ali suscitadas.

Para a autora, a rede é uma “metáfora e a inspiração possíveis de um novo diagrama curricular. A rede que captura e que ampara, que distribui e abastece, canaliza e entrelaça, transmite e comunica, interliga e acolhe” (Ramal, 2002, p. 186). Em se tratando de uma pedagogia adjacente às novas tecnologias, a postura do educador acaba por ser ressignificada porque ele deixa de ser o nó central no processo de aprendizagem, estabelecendo uma situação reticular e de coletividade, porém acreditamos que ele não deixa de desempenhar uma função im-

portante, ou primordial, em todo esse processo.

Um ponto positivo da experiência é a veloz manifestação dos integrantes do grupo. Assim que uma postagem era realizada no ambiente, rapidamente surgiam novas contribuições dos sujeitos, criando uma rede hipertextual de significados, colaborando para o aprofundamento de determinado assunto, contribuindo e enriquecendo todas as discussões, evidenciando a inteligência coletiva do grupo.

Como ponto negativo, destacamos o fato de a internet ser caracterizada principalmente pelo excesso de informações, questão que atinge também as redes sociais. Ao utilizarmos o Facebook em uma proposta de Arquiteturas Pedagógicas, os integrantes precisam estar cientes dos objetivos a serem alcançados, dos temas a serem tratados. Do integrante da rede se exigirá ter compreensão sobre os objetivos daquele espaço, pois a disponibilização de um hiperlink assim como pode contribuir com a discussão proposta, pode também empobrecer as reflexões e desviar o foco do trabalho. Situações dessa natureza aconteceram algumas vezes no grupo, com postagens superficiais ou que não se adequavam aos objetivos que estavam sendo propostos.

6 Considerações Finais

Kirkwood (2006) disserta que os sujeitos dispensam muito tempo criando conteúdos para sites e comunidades das quais fazem parte, mantêm blogs, fazem filmes, disponibilizam links, escrevem resenhas, compartilham informações, formam comunidades. A autora ressalta que eles fazem isso por vontade própria, unicamente por sua motivação, para atestar, confirmar, estabelecer uma presença on-line e para desenvolver redes sociais e pertencer e participar de comunidades significativas. Podemos considerar isso como um movimento que intensifica a virtualização da aprendizagem e que precisa ser observado no trabalho com arquiteturas pedagógicas.

Pensando no Facebook como parte de uma Arquitetura Pedagógica para a formação docente, entendemos que não podemos exigir do docente algo que por ele não foi vivenciado. Por isso, é cada vez mais urgente que o sujeito tenha uma apropriação crítica das tecnologias disponíveis, inserindo-se no ciberespaço como criador, produtor de cultura e conteúdo, situações que devem ser consideradas principalmente na formação inicial de professores.

Da experiência realizada, destacamos nossa inserção nesse espaço por meio de algumas contribuições, sobre as quais pensamos que foram coerentes e de acordo com as discussões e com as temáticas que estavam sendo discutidas no grupo. Sempre que possível, procuramos dar continuidade aos assuntos tratados, trazendo novas contribuições, respeitando e considerando as colocações dos colegas, ou seja, acompanhamos toda a discussão da turma nesse espaço, ponderando a dinâmica dos sujeitos envolvidos no processo.

Consideramos, após a análise da experiência,

que a utilização de redes sociais é uma forte tendência nos processos educativos, inclusive integradas aos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Por fim, destacamos que esse estudo tinha o objetivo de relatar uma experiência no Facebook, e não propor novos métodos pedagógicos para a utilização dessa rede, temática que fica em aberto para estudos posteriores.

7 Referências

BAUMAN, Z. 44 Cartas do Mundo Líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRUNO, A. R. "Educação online": aprendizagem do adulto e plasticidade em perspectiva. In: Silva, M; Pesce, L; Zuin, A (Orgs). Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

CAPRA, F. "As conexões ocultas". Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix, 2002.

CARVALHO, M. J. S.; Nevado, R. A. de; Menezes, C. S. de. "Arquiteturas pedagógicas para a educação a distância". In: Nevado, R. A. de; Carvalho, M. J. S.; Menezes, C. S. de. (Orgs.). Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos e recursos para formação de professores. 1 ed. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2007, p. 36-52.

CASTELLS, M. "A Internet e Sociedade em Rede". In: Moraes, D. de (Org). Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 225-231.

_____. (2005) "A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política". In: _____.; Cardoso, G. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf#page=16>. Acesso em jan. 2012.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (2011) "Métodos de pesquisa para Internet". Porto Alegre: Sulina, 2011.

KIRKWOOD, K. "If They Build It, They Will Come": Creating Opportunities for E-learning Communities of Practice. Language and Learning Skills Unit. Universitas 21 Conference on E-learning and Pedagogy. Guadalajara, Mexico, November, 2006.

LEMOS, A. "Cibercultura". Alguns Pontos para compreender a nossa época. In: _____.; Cunha, P. (Orgs). Olhares

sobre a Ciberultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, P. Ciberultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Olhar Digital. "Orkut é passado: os números do Facebook no Brasil". Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/jovem/redes_sociais/noticias/toma-essa,-orkut-os-numeros-do-facebook-no-brasil>. Acesso em: 13 ago. 2012.

NEVADO, R.; MENEZES, C.; VIEIRA JÚNIOR, R. "Debate de Teses": Uma Arquitetura Pedagógica. Anais do XXII SBIE – XVII WIE. Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011, pp. 820-829.

PRETTO, N. "Escola como Espaço de Inclusão Digital". Palestra. 5º Seminário Regional de Inclusão Digital e Software Livre. Universidade de Passo Fundo: UPF, 2010.

RAMAL, A. C. Educação na ciberultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RECUERO, R. "Mapeando Redes Sociais na Internet através da Conversação Mediada pelo Computador". In: Hetkowski, T. M.; Nascimento, A. D. (Org.). Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: Edufba, 2009, p. 251-274.

SANTAELLA; L.; LEMOS, R. "Redes Sociais Digitais": a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, E. "Educação online para além da EAD": um fenômeno da ciberultura. In: Silva, M; Pesce, L; Zuin, A (Orgs). Educação Online: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SBARAI, Rafael. "Acesso ao Facebook sobe 480%". Orkut ainda reina no país. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/twitter/acesso-ao-facebook-sobe-480-orkut-ainda-reina-no-pais/>>. Acesso em: 20 out. 2011.

SILVA, M. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro, Quartet, 2010.

_____. Interatividade: uma mudança fundamental do esquema clássico da comunicação. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/263/boltec263c.htm>>. Acesso em 15 jan. 2012.